

SERVIÇO DA TEOLOGIA NO MUNDO ACADÊMICO

*Sandra Jane Mendonça Cardoso**

RESUMO: Este artigo levanta questões sobre o papel da teologia no momento atual, principalmente na vida acadêmica. Além disto mostra sua utilidade no tempo presente servindo de porta-voz do projeto de Deus. Por fim, este ensaio procura apontar para a importância e continuidade desta reflexão.

PALAVRAS-CHAVE: teologia, serviço, mundo acadêmico

INTRODUÇÃO

A finalidade deste artigo é introduzir o questionamento sobre a importância da teologia como serviço e o papel do teólogo no mundo do trabalho, mais especificamente, no mundo acadêmico.

Segundo Márcio Fabri dos Anjos a teologia, quando se trata de serviço, é como uma necessidade de se notar que as religiões de modo geral assumem grandes questões que perpassam a história humana e dizem respeito a interrogações fundamentais: quem é o ser humano? Qual o sentido da dor, do mal e da morte, que não obstante tanto progresso continuam a persistir? E coloca interpelações com relação ao assunto feitas pela Gaudium et Spes como: “de que valem tantas conquistas de bem-estar pagas com o alto preço de fome e da morte de semelhantes? Como conduzir nossas relações de sociedade, em que contribuir e o que esperar da vida social? E o que pensar sobre o depois desta vida?”¹.

Marcio Fabri afirma ainda que nem todas as pessoas estão dispostas a levar a sério estas questões, mas não se pode negar que são contundentes para a humanidade as perguntas que as religiões colocam e as teologias elaboram. É neste horizonte que “o serviço da teologia apresenta-se como se percebe, em dupla dimensão recíproca: na interpretação do horizonte de sentidos fundamentais que perpassam a vida e a morte; e nas propostas de ação e desempenhos correspondentes quanto à vida individual e social”.²

* Professora no Instituto Superior de Cultura Religiosa - UCPel e Instituto Superior de Teologia Paulo VI - UCPel. Mestranda em Teologia PUC/RS

¹ ANJOS, Márcio Fabri (Org). Teologia: Profissão. SP: Loyola – Soter; 1996; p. 19.

² Idem Ibidem; p. 19.

Neste itinerário, é necessário também, focalizar o papel social da religião e do teólogo em que, de acordo com Luis Benedetti, “o problema da teologia hoje é descobrir o papel social (necessário) da religião, definido-o em sua especificidade num mundo que automatizou esferas de ação e sentido”.³

Diante destes questionamentos portanto, nos colocamos a tentar buscar a comunicabilidade cristã, ou seja, “a capacidade de comunicação de experiências e conhecimentos cuja ressonância tem força para transformar a realidade, tanto em nível pessoal quanto social”.⁴

Esta comunicabilidade poderá ocorrer de diversas formas, podendo assim, formar uma verdade sinfônica. Somos convidados a participar e a conhecer um pouco desta sinfonia, “apesar das dissonâncias fora da partitura, das repetições, dos instrumentos mal afinados, sabendo nos animar nos tempos fortes da melodia, que ressoam em todas as fímbrias de nossa realidade corporal espiritual, aproximando-nos ainda mais de Deus e de nosso próximo”.⁵

O presente artigo apresentará uma temática sobre a relação existente entre teologia, teólogo e o mundo acadêmico. Primeiro uma panorâmica do contexto atual, no qual o teólogo está inserido; em segundo qual o papel da teologia e do teólogo frente a grande interpelação: Jesus de Nazaré tem significado para a cultura tecnológica? Em terceiro a importância do papel da teologia e do teólogo no momento atual e por último o que significa teologizar neste contexto.

1. PANORÂMICA DO CONTEXTO ATUAL NO QUAL O TEÓLOGO ESTÁ INSERIDO

Inicialmente, quando falamos em contexto, estamos delimitando-o mais precisamente para o mundo universitário que está inserido num contexto global e como tal, tem questionamentos e iniciativas que tentam dar respostas à realidade presente, se possível de forma criativa ou pelo menos se sentir provocado a fazê-lo.

Primeiramente, o teólogo deverá fazer o reconhecimento do terreno com o qual trabalha, levando em conta suas matérias primas que são a Bíblia, a realidade cotidiana e a representatividade da instituição a qual ele ou ela pertence.

Em segundo, deverá estar sempre atento, observando, analisando, tentando sempre fazer novas hermenêuticas do atual contexto e confrontá-las com a verdade evangélica e a partir daí, reconhecer as características deste tempo, mais precisamente no

³ BENEDETTI, Luis Roberto. As CEB's, a Política e a Religião. Perspectiva Teológica, 22, p. 351.

⁴ ANJOS, Márcio Fabri (Org). Teologia em Mosaico. SP: Santuário - Soter, 1999. p.227.

⁵ ANJOS, Márcio Fabri. Teologia em mosaico. Op. Cit. p. 233.

que se refere ao religioso. Isto porque, atualmente, a realidade, de acordo com Nestor Costa, é o momento da “desinstitucionalização da religião, da perda do monopólio religioso por parte das instituições, da flexibilização doutrinal e pelo fato de as religiões estarem mais centradas no indivíduo”⁶, por estarem estes elementos fortemente inter-relacionados, fazendo parte do nosso dia-a-dia.

Constatamos de fato, que o povo de Deus afastou-se muito da Instituição-Igreja, mas de Deus não. Hoje, há em sua grande parte uma busca ansiosa de Deus nas mais diversas ofertas de experiências que o mundo religioso oferece. Assim, podemos concluir que o homem e a mulher de hoje têm sede de uma reflexão teológica mais apurada, que fale mais de perto de sua realidade e que mova o mais profundo de seu ser, que é de onde nasce a sede, o desejo por conhecer um pouco mais do mistério que é Deus. E o povo por não ter um conhecimento mais profundo da dimensão teológica, não consegue fazer a dissociação entre a questão instituição e teologia. Muitos são até mesmo mais anticlericais, do que antiteológicos, quanto a vontade de encontrar um espaço de diálogo aberto no campo religioso.

Daí pensarmos que este processo de desencantamento da religião não tem a ver com a fé em Jesus Cristo, pois, é citado por tantas religiões ou novos movimentos religiosos como o grande marco referencial de modelo para a humanidade. Neste horizonte encontra-se o pensamento de Reginaldo Prandi, ao dizer que “esse processo de desencantamento da religião e da sociedade e de perda de importância da religião pode parecer contraditório com o fato de que esta é uma época de grande vigor religioso, quando crenças novas e velhas, organizadas numa miríade de Igrejas e agências do sagrado, se propagam, e se multiplicam com grande velocidade mundo afora”.⁷ E concluí sobre esta reflexão, dizendo: “Nunca inventaram tantas religiões como hoje, o que tem levado muitos observadores a acreditarem numa espécie de reencantamento do mundo”.⁸

Dessas afirmativas, constatamos uma mudança não só de tempo cronológico, mas também de valores, visto que hoje a deusa razão, já não é completa, bastando-se consigo mesma. É visível o processo de desencantamento em relação aquele período de controle das Igrejas, posteriormente da racionalidade e hoje da busca pelo sagrado, ou seja, de um novo tempo de reencantamento.

A procura pelo espaço sagrado ou do encontro com o transcendente, está acontecendo de forma avassaladora, mesmo que se apresente meio desagregada, não muito compreendida, pois, busca-se aqui e acolá. Entretanto, corre-se para que aconteça este encontro com Deus. Podemos observar este fenômeno através da mídia e dos nossos

⁶ COSTA, Nestor. Ameríndia (org). *Globalizar a Esperança*. SP: Paulinas, 1998. p. 22.

⁷ ORO Ari Pedro. STEIL, Carlos Alberto. *Globalização e Religião*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 63.

⁸ Idem. *Ibidem*. p. 63.

contatos pessoais e profissionais, quando a conversa cai no campo religioso. E nunca de maneira tão forte como nestas duas últimas décadas. Desta forma, podemos trazer presente o que diz o projeto pedagógico da Cultura Religiosa, “que nos últimos anos vem crescendo cada vez mais a consciência da crise da modernidade, na falência da racionalidade como panacéias, no desencantamento do mundo, da liberdade, da igualdade e do mito do desenvolvimento. A crise atinge a todas as instituições na hipertransparência provida pelos meios de comunicação”.

Ademais, recolhendo outros elementos de leituras diversas em algumas revistas mais populares como *Veja*, *Galileu*, *Superinteressante*, *Isto É*, bem como artigos de jornais e ao sintetizar o que todos abordam sobre assuntos de religião, veremos que por um lado dizem mais ou menos o seguinte: que estudos recentes, conhecidos no Ocidente, falam de um aumento importante da crença na existência de Deus, contudo, falam ao mesmo tempo em que este aumento não se traduz nas formas de participação tradicionais das instituições religiosas. Isso nos sugere que a religiosidade aumenta, mas não se expressa da mesma maneira que se expressava até algum tempo atrás. Por outro lado, estes estudos também têm nos mostrado que existe certa distância entre o corpo de doutrina das Igrejas e a forma como as pessoas se relacionam com ele, o que evidencia certa flexibilização doutrinária. Em outras palavras, os fiéis não assumem o corpo da doutrina da sua Igreja, da qual dizem pertencer, e sim tomam dele diversos aspectos e deixam outros de lado.

É bom ter presente estas constatações atuais para podermos traçar um paralelo com as Igrejas de ontem, que eram Instituições detentoras do monopólio do religioso. Não havia adesões religiosas fora delas, do seu controle e sua salvaguarda. Eram as produtoras do religioso, definiam o que era e o que não era verdadeiro. No entanto, isto também está mudando. Hoje os indivíduos compõem seu mundo religioso sem adotar a proposta das instituições. De certa forma produzem seu mundo religioso tomando aspectos que procedem de diferentes tradições, afastando-se do dogmático, do obrigatório e aproximando-se de adesões religiosas menos rígidas e mais flexíveis. Em suas afirmações Nestor Costa diz que “em todas estas mudanças há aspectos que aparecem com certa força que poderiam estar nos indicando que deveríamos prestar-lhes maior, ou melhor, atenção: como a importância do indivíduo, do emotivo ou afetivo, seu interior, o papel do corpo, da natureza, entre outros”⁹. Isto vem nos indicar que devemos estar atentos aos novos sinais dos tempos.

Poderíamos fechar este leque de constatações com o que diz Comblin: sabe-se que “a crítica não mudou a marcha do mundo. Porém, criou uma mentalidade nova. A ciência continua, mas a fé na ciência já não é como antes. O capitalismo triunfa, mas só com um sentimento de fatalismo e resignação, sem entusiasmo”¹⁰. Nesta análise o autor complementa com o seguinte: “o Estado está firme, mas totalmente

⁹ COSTA, Nestor. *Globalizar a esperança*. Op. Cit. p. 22.

¹⁰ COMBLIN, José. *Vocação Para a Liberdade*. SP: Paulus, 1998. p. 202.

desacreditado, e a juventude já não se apaixona pela política. Outros valores se impuseram. O ar dos tempos mudou. Muitos adotaram o nome de pós-modernidade para caracterizar esta nova época”.¹¹

Rememorando de maneira sintética o projeto pedagógico da Cultura Religiosa verá que se fala muito em pós-modernidade, mas com vários sentidos: como esgotamento e superação da modernidade, exasperação dos aspectos negativos da modernidade, primeiros sinais de uma nova época que realizaria os sonhos ideais de modernidade, libertando-a dos efeitos perversos que acompanharam até agora ou que começaria uma sociedade diferente.

E no campo religioso? O pós-moderno nem de longe toca nas Instituições Religiosas. O problema não é o espiritual, mas as instituições históricas. Há um surgimento de um sincretismo emocional, psicológico. A vontade de pensamento positivo é psico-cêntrica, egocêntrica, não um encontro com o Outro. Deus confunde-se com meu próprio interior (New Age). Há uma busca do eu interior, perdido na modernidade. Sem compromissos institucionais o pós-moderno não aceita dogmas, doutrinas ou leis. Há o culto ao niilismo, o apocaliptismo vem vindo, há um retorno aos bruxos, a astrologia e o surgimento da mística ecológica. Em suma, um irracionalismo.

Quando falamos em pós-modernidade, não poderíamos deixar de falar em globalização porque faz parte do tempo presente.”O termo globalização apresenta diversos conceitos que a categoria possa ter nos vários segmentos e escolas de pensamento”.¹² Conforme a revista Proposta em seu artigo Globalizar ou Integrar, conclui-se que: “Assim como a estética, a ética, a razão, a verdade, a justiça etc têm conotações e conteúdos complementares ou alternativos de acordo com as experiências histórico-políticas da época - desde que representem movimentos de influência de uma teoria ou de uma práxis - o termo globalização também passa pelo mesmo processo de metamorfose”.¹³

Enriquecendo um pouco mais o conceito de globalização podemos dizer de acordo como Nestor Costa que, “é uma tendência em curso, que marca os tempos de hoje. As interligações dos sistemas mundiais, a começar pela comunicação, e entrando em cheio na economia encurtam as distâncias, contornam barreiras, aproximam interesses, agilizam empreendimentos comuns”.¹⁴ O autor reconhece ser um momento de muita ambigüidade e acrescenta: “Ela exige uma revisão radical das autonomias de todo tipo, incluindo as regionalizações políticas, estados e nações. Pelo alto grau desta crescente interação, a própria autonomia dos indivíduos é afetada. Não isenta nem os próprios sistemas religiosos. Vai ficando cada vez mais claro que não vivemos sozinhos e

¹¹ Idem. Ibidem. p. 202.

¹² PROPOSTA. *Globalizar ou Integrar?* Revista n. 64; ano 23; 03/95; p. 17.

¹³ Idem. Ibidem. p. 17.

¹⁴ COSTA. Nestor. *Globalizar a esperança*. Op. Cit. p. 7.

que nossas vidas e ações entram sempre em uma rede de vida e de interações”¹⁵.

Portanto, podemos concluir que, muitas são as mudanças que estão sendo suscitadas em nosso mundo, entre elas as mudanças na forma de produção, nas novas tecnologias da informação e a modificação no campo religioso. Tudo isto tem ressonâncias no campo religioso qual não pode ficar excluído do conjunto de mudanças que se dão na sociedade.

Ainda segundo Costa, por longos anos “o paradigma da secularização dominou a análise religiosa e sustentava-se que a religião seria progressivamente retirada do mundo. A realidade atual, contudo, mostra que não é esta a situação, e fala-se do retorno ao religioso.”¹⁶ Hoje, mais do que nunca reafirmamos juntos com o autor: “Acreditamos que, mais do que um retorno, o que está acontecendo é a reformulação do trabalho permanente da religião nas condições da modernidade. Isto significa que o religioso procura, permanentemente, adaptar sua atividade ao momento histórico concreto em que se situa e que está acontecendo com o mundo do religioso vem desta readequação”¹⁷.

É nesta transformação de mudanças complexas e paradoxais que nos situamos como sujeitos e principalmente como teólogos. E assim, ficamos atentos no que possamos contribuir. Complementando, Afonso Murad nos diz que “nos balanços que já fazem da pós-modernidade, ressalta-se que em vez de grandes narrativas, de mega-relatos teológicos, filosóficos, ideológicos e sociológicos, o momento está mais para aproveitarmos este o surgimento de um novo canteiro de obras, que nos é entregue à liberdade e a criatividade”,¹⁸ responsável dos que interessam-se por refletirem seriamente.

2. O PAPEL DA TEOLOGIA E DO TEÓLOGO FRENTE A GRANDE INTERPELAÇÃO: “JESUS DE NAZARÉ”, TEM SIGNIFICADO PARA A CULTURA TECNOLÓGICA?

Bruno Forte, em seu livro *Jesus de Nazaré - história de Deus e Deus da história*, levanta a seguinte questão: “Que sentido tem falar de Jesus Cristo hoje?”¹⁹ “Colocando-a como fato relevante e acrescenta: “Esta é a pergunta radical que o mundo secularizado parece fazer à reflexão e a fé dos cristãos”²⁰. Esta interpelação nos faz pensar em certas necessidades. A primeira é a de nos situarmos dentro do tempo atual e observarmos suas mudanças e exigências conseqüentes do momento. A

¹⁵ Idem. *Ibidem*. p. 7.

¹⁶ COSTA, Nestor. *Globalizar a esperança*. p. 20.

¹⁷ Idem. *Ibidem*. p. 21.

¹⁸ MURAD, Afonso. LIBANIO, J. B. *Introdução à Teologia*. São Paulo: Loyola, 1996. p. 32.

¹⁹ FORTE, Bruno. *Jesus De Nazaré –História de Deus, Deus da História*. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 9.

²⁰ Idem, *Ibidem*. p. 9.

segunda, de partimos da observação e análise de que estamos vivendo um momento de transitoriedade, de grandes mudanças, onde emergem gigantescas transformações em todas as áreas e mais precisamente na área do conhecimento. Estes novos tempos trazem novas formas de viver com toda a sua eficácia, mas também com um rastro de lacunas ainda impreenchíveis.

Destas constatações, surgem novas leituras de mundo e com elas a urgência de construções de novos saberes e, também, de desconstruções de alguns outros que aparentemente nos mostravam segurança e que hoje não fazem mais eco a estas transformações. A exemplo disso, aparece o trabalho do teólogo com sua incessante reflexão a partir da ótica da Sagrada Escritura, reatualizando-a e criando novas formas de anúncio do projeto de Deus para a humanidade. É aí, que nos lançamos a buscar juntamente a outras ciências um modo de promover a oportunidade de preenchimento das lacunas citadas, do vazio existencial e da falta de sentido na vida, deixados por elas com algo substancial, que é a riqueza do modo de se viver dentro de um projeto de amor, ou seja, o projeto do Pai para seus Filhos, que foi instaurado no filho, Jesus Cristo.

Surgem, para nós, algumas preocupações como teólogos. Entre elas são os direcionamentos que estão sendo dados e praticados pelo homem e mulher de hoje, com relação à humanidade, criada a imagem e semelhança de Deus, conforme a fé cristã. Não entraríamos na pormenorização destes detalhes, mas sim na preocupação com os estragos deixados por eles. Uma outra preocupação é a urgência de criarmos um projeto comunitário integrativo, mostrando a relevância dada aos homens e mulheres deste tempo, em termos de dignidade ou promoção humana.

Quando se fala em promoção humana, pensa-se muito, e têm-se algumas iniciativas de formas diversificadas, mas pequenas diante do conjunto de necessidades em todos os segmentos da sociedade. E, é dentro deste marasmo todo, que surge a pergunta: Jesus de Nazaré tem significado para esta cultura, deste tempo chamado tecnológico?

É neste contexto, que se insere a teologia como uma alternativa frente a outras ciências, trazendo novas interpelações e interpretações junto a estes avanços. Sabemos não ter respostas acabadas e, sim algumas conjecturas, métodos para fazer o povo sentir, analisar, e refletir, para viver mais encarnadamente o projeto de Jesus Cristo. Por ser pois, para os cristãos o referencial, por onde sinaliza-se o caminho, a busca da verdade e desejo de vida em abundância.

Estamos cientes, de tratar-se de um momento difícil, de um tempo muito fragmentado, desagregado e desafiador. Mas o teólogo deve tentar sempre mostrar seu pensamento que é resultado de uma interpretação, e que não deixa de ser uma entre outras que dão sentido ao viver. E para isto, são necessários diálogos permanentes, persistentes e abertos. No entanto, o mais importante neste caminho todo, é o nosso testemunho, o nosso agir coerente, falando mais alto do que toda e qualquer teoria.

A teologia deve estar, portanto, inserida junto às estruturas culturais, sociais e políticas a serviço do homem e da mulher de hoje e exercer seu papel junto a estas estruturas onde surgem as interrogações sobre o sentido do discurso cristão. Trazemos presente a afirmação de Bruno Forte que diz surgir “(...) das profundezas do humano, da tensão entre experiência e esperança, entre amor e laceração, da abertura para o futuro e do escândalo da dor que nasce a provocação para fé no Deus crucificado e ressuscitado”²¹. Nestas situações, sejam circunstanciais ou históricas, é que surge a pergunta, de Forte: “Que sentido tem Jesus Cristo para a esperança do homem?”²²

As circunstâncias nos desafiam a reconstruir uma sociedade, que se encontra um tanto dilacerada, no que se refere à humanização bem como, fazer reviver a fé neste Deus crucificado e ressuscitado. Parece-nos que o momento é de profunda passividade. Por vezes, temos a impressão de não se pode construir mais nada de significativo socialmente, de que assistimos de braços cruzados ao que outros decidem, ou esperamos igualmente de braços cruzados, que a situação mude por si mesma. Isto, porém, não deve bastar-nos e por várias razões.

A razão mais significativa é que surgem e se preparam incessantemente para vida em sociedade novas gerações e, que não podemos abandoná-las a um destino vazio só pelo fato de que nos faltam certos meios que na história da humanidade são, afinal de contas, recentes e limitados (como exemplo o domínio da tecnologia).

Outra razão, é que deveríamos poder oferecer uma ajuda eficaz a esta pequena porção de população idealista, e muito dela, encontra-se no meio universitário. É neste meio, um dos quais alguns teólogos exercem sua docência, devendo fazê-lo com eficácia. Uma vez que, mesmo vivendo numa sociedade onde toda a atividade é controlada, e para defender os valores que dignificam a pessoa humana, para pensar no futuro, para esperar contra toda a esperança. O teólogo tem o dever de querer preparar desde agora, com recursos humanos mais sedimentados um futuro promissor ao qual todo homem e mulher têm direito.

Uma última razão, é que temos que procurar em nós mesmos, a fim de descobrirmos novas possibilidades criadoras, por mais limitadas que pareçam e mais limitados que tenham ficado de fato nossos recursos (habituais). Exatamente a exemplo de como um prisioneiro tem que agir em seu reduzido espaço de vida para sobreviver como ser humano e ajudar outros a conseguí-lo. Nós, também podemos muito mais do que pensamos. Mas para que isto seja realmente possível temos que recobrar uma esperança, uma ‘premissa’, que nos faça ver e sentir em cada uma das conquistas do homem e da mulher - a necessidade da luz evangélica para reascender os corações e o discernimento teológico para melhor interpretar suas ações dentro deste tempo, neste universo onde todas as ideologias são aceitas e nem sempre bem assimiladas, compreendidas e,

²¹ FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré: História de Deus Deus da história*. Op. Cit. p. 10.

²² Idem. *Ibidem*. p. 10.

portanto, não vividas adequadamente. Podemos nos arvorar em dizer que é justamente aí que o teólogo pode de alguma forma contribuir no exercício de seu papel, com sua reflexão teológica.

3. A IMPORTÂNCIA DO PAPEL DA TEOLOGIA E DO TEÓLOGO NO MOMENTO ATUAL

O momento é oportuno para a teologia, para criarem-se suas reflexões com fundamentos sólidos e valores essenciais a sua teologia. Segundo afirma Murad “o enfraquecimento dos sistemas definidos deixa-se compensar altamente pela possibilidade de criatividade das pessoas. Pois se, de um lado se amarga à falta de segurança e pontos de referência, de outro aumentam os espaços limpos para novas construções”²³. E ressalta ainda: “Com enfraquecimento dos poderes centrais, a responsabilidade criativa de cada teólogo cresce em benefício de maior riqueza teológica original”²⁴. Segue sua linha de pensamento, neste horizonte afirmando que “a primeira vista o desmoronar dos arcabouços sólidos de teologias anteriores soa trágico. No entanto, o teólogo é solicitado a deixar os jargões fáceis, os sistemas aprendidos de memória, as teses bem decoradas, para ir construindo sua teologia com abundância gigantesca de elementos acessíveis ainda que em forma fragmentária”²⁵. O autor cita um pensamento de Humberto Eco que diz ser este momento à hora da vigília da razão que afugentou todos os monstros que o sono tinha gerado. Daí, o interesse em aprofundarmos a teologia em diálogo com outras ciências, pois, todo saber está situado e ensiná-lo fora do contexto aliena. E a teologia situa-se no cruzamento destas experiências antagônicas.

A importância do papel da teologia e do teólogo deve ser ressaltada dentro deste contexto, pois, o seu campo, que é o mundo, está prenhe da necessidade de esperança. Constatamos, que hoje a teologia está sendo procurada não somente por religiosos e seminaristas, mas também por leigos. Ela é ensinada desde formas simples até as mais arregimentadas intelectualmente. Conforme Ernane Pinheiro “a nova onda teológica manifesta-se em fatos estatísticos e em fatos qualitativos”²⁶.

Nesta linha de pensamento, Pinheiro acrescenta: “o dado estatístico, verifica-se no aumento dos leigos e leigas que estudam teologia, quer em instituições acadêmicas com titularia oficial, quer em cursos de extensão teológica dos mais diversos níveis. E o fato qualitativo, é o fenômeno que acusa o significativo deslocamento do

²³ MURAD, Afonso. *Introdução a teologia*. Op. Cit. p. 32.

²⁴ Idem. *Ibidem*. p. 33.

²⁵ Idem. *Ibidem*. p. 33.

²⁶ PINHEIRO, J. Ernane. (Org). *Formação dos Cristãos leigos*. São Paulo: Paulinas, 1995.

interesse pela teologia pelas pessoas de todos os níveis intelectuais”²⁷. “Esta constatação, lhe parece ser vista como um fenômeno e mais forte entre leigos e leigas que entre aqueles que devem estudar em vista do sacerdócio”, conclui dizendo: “a teologia transfere-se assim das mãos do clero para estudiosos leigos e leigas. Tal fenômeno pode revelar maioridade intelectual do cristão leigo”²⁸.

Sabe-se, também, que neste contexto plural de ondas teológicas, a teologia ainda é vista por alguns com certo desdém. Pois, a cultura moderna resulta numa aversão as instituições, o que atinge, principalmente as religiosas. Mas problemas existem e existirão sempre. O valor está em sabermos trabalhar mais adequadamente possível com ele e a importância do papel do teólogo é de tentar fazer sempre uma hermenêutica levando em conta a essência da mensagem cristã, que é perene.

No campo da teologia, ao que corresponde seu espaço no mundo, enquanto hermenêutico “deve levar em conta sua interpretação da mensagem cristã, seja ela evangélica, seja dogmática e a análise crítica das condições de produção de toda sua linguagem”²⁹. Podemos acrescentar que a teologia, na relação – contexto deve “antes de incorporar a si temas novos, deve ela, interrogar-se sobre a relação com sua própria linguagem”.³⁰ O autor coloca como uma necessidade de mudança e nos diz: “Ela não pode contentar-se com seu discurso espontâneo e auto-afirmativo. O famoso diálogo da teologia com as ciências humanas pressupõe sempre, em primeiro lugar, um debate epistemológico. A teologia deve fazer tudo por melhor inteligência do crer cristão”³¹. E nos chama atenção, dizendo que: “Não esquecendo que deverá, preservar sua originalidade irreduzível, ela não pode constituir um saber em ruptura com novas aproximações científicas da realidade, aproximações que são menos saberes totalizantes do que empreendimentos de verificação e de produção”.³² Vejamos o que nos dizem teólogos reconhecidos e a Congregação Para Doutrina da Fé.

O autor supra citado nos diz: a teologia deverá ser uma companheira do homem hodierno, “pois, ela difere das outras ciências no sentido de querer ser mais companheira do que objeto a ser conhecido. As ciências oferecem elementos para que se organize, se pense, se construa o mundo e se aja nele. A teologia prefere dispor-se, de maneira gratuita, a ser companheira de viagem da solidão do homem moderno”³³.

Clodovis Boff, traz sua contribuição quanto a importância do papel do teólogo ressaltando que antes de qualquer coisa o teólogo deverá ser um ‘filó-logo’ por excelência, ou seja, amante do logos divino. O ato

²⁷ Idem. Ibidem.

²⁸ Idem. Ibidem.

²⁹ GEFRE. Claude. *Como Fazer Teologia*. SP: Paulinas: 1989. p. 227.

³⁰ Idem, ibidem. p. 27.

³¹ Idem. Ibidem. p. 28.

³² Idem. Ibidem. p. 28

³³ MURAD, Afonso. *Introdução a teologia*. Op. Cit. p. 36.

teológico é um ato amoroso. E isso no duplo sentido da palavra amor: *eros* e *ágape*. É dimensão erótica, porque supõe um amor - interesse, no sentido de desejo, ambição ou paixão. Sob este aspecto, a teologia é um amor de procura interesseira. Interessa-nos, em verdade, saber qual o sentido da fé para nós, pessoalmente, e para nossa realização plena. Dimensão agápica, porque implica num amor entrega ao mistério, num amor feito de escuta, de obediência e serviço à Palavra. Em síntese “O ato teológico é um ato, sobretudo agápico. Nele o *eros* é assumido, animado e dirigido pelo agápe, na medida em que este é docilidade ao objeto sujeito da teologia, que é Deus mesmo”.³⁴

A Congregação Para a Doutrina da Fé, nas suas Instruções sobre a vocação Eclesial do Teólogo diz: “o teólogo, entre outras vocações suscitadas na Igreja pelo Espírito Santo, tem a função de adquirir em comunhão com o magistério, uma compreensão sempre mais profunda da Palavra de Deus contida na Escritura inspirada e transmitida pela tradição viva da Igreja”³⁵. Daí concluímos com o que pensa Clodovis Boff que diz: “o teólogo moderno pode ser qualificado como pensador religioso. Não é o doutor antigo, dono de uma sólida cultura sintética. Longe dele a idéia de um pensamento desligado da problemática cultural do tempo. Seu lado forte é exatamente o *propter homines* da fé. Neste sentido, além de pensador, ou melhor, como pensador, o teólogo moderno é visto como um guia das consciências ou um mestre do pensar, mas sempre no contexto do diálogo cultural”.³⁶

Um dos objetivos que o teólogo deve perseguir segundo Grefré é o “de abrir novos caminhos para que possa fluir o diálogo e resgatar a importância da reflexão teológica, já que ele assume a tarefa de ser o responsável diante de Deus e dos homens pela Palavra de Deus no seio da comunidade que é a Igreja, convocada e instituída por esta mesma Palavra”³⁷.

Portanto, o teólogo leigo tem seu lugar entre as categorias que exercem o magistério da Igreja, quanto ao *sensus fidellium*, ou seja, o ‘magistério comum’, ele é vivido de vários modos, entre eles o *sensum fidellium* de modo carismático, ou seja, segundo a informalidade e liberdade do Espírito e, às vezes até em condições de grande solidão e incompreensão. “São os santos, os profetas, os mártires, os pobres e outros confidentes especiais de Deus e de seus mistérios. Isso nos possibilita enxergar a conexão existente entre o mundo - Igreja. Sim, hoje, está havendo, também na Igreja uma explosão de diversidade, a partir das práticas e não da reflexão teórica saída de um livro de teologia”.³⁸

³⁴ BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico – Versão didática*. SP: Vozes: 1998. p. 96.

³⁵ Congregação Para Doutrina da fé. *Instrução sobre a vocação Eclesial do Teólogo*. São Paulo: Paulinas, 1990. p. 7.

³⁶ BOFF, Clodovis. *Teoria do método teológico*. Op. Cit. p. 149.

³⁷ GREFRÉ, Claude. *Como fazer teologia*. Op. Cit. p. 39.

³⁸ PINHEIRO, J. Ernane. *O Protagonismo dos leigos na Evangelização Atual*. São Paulo: Paulinas, 1994. p. 48.

Pinheiro reforça: “Essa diversidade apareceu no Vaticano II quando se discutiu a colegialidade. Foi uma preocupação de Paulo VI em vários documentos, retomada por João Paulo II em sua exortação sobre os fiéis leigos”.³⁹

Dentro deste universo teórico, valem-nos novamente de Geffré que enfatiza: “também, o teólogo leigo deve ter espaço de liberdade para se entregar a pesquisa exigente, sem outra preliminar que não seja o amor a verdade e a certeza de que o mistério de Cristo supera todos os enunciados que a Igreja possa emitir sobre ele”⁴⁰. Dado este espaço é que terá de produzir com criatividade não esquecendo o vínculo permanente entre aquilo que escreve e a tradição, pois, o autor enfatiza “que a teologia é sempre tradição, no sentido que é precedida por uma origem que é dada, o evento Jesus Cristo, cujo sentido nenhum enunciado esgota. Mas ela é sempre, também, produção de linguagem inédita, porque esta origem ela só pode redizê-la historicamente e segundo uma interpretação criativa”.⁴¹

O mais importante, para concluirmos sobre a inserção do teólogo e teóloga e da sua missão no mundo é mostrar “a importância da ação salvífica de Deus, que se cumpriu no evento Jesus Cristo e, o conhecimento interpretativo que é trabalhado sob um texto, que é ato de interpretação. E os responsáveis eclesiais devem pensar seriamente nesta questão”⁴². Estamos no início de um novo milênio, e a Congregação para a Doutrina da Fé ressalta que a Igreja tem o dever urgentíssimo de atualizar a mensagem cristã em todas as culturas.

Fica então, o questionamento de “como o teólogo deve responder ao dinamismo interno da própria fé, que por sua natureza a verdade quer comunicar-se, já que o homem foi criado para perceber a verdade, e deseja no mais profundo de si mesmo conhecê-la para nela se encontrar e para ali encontrar a sua salvação? (Cf. 1 Tm 2,4).”⁴³ Concluimos modestamente com que diz o documento: “a Teologia oferece, portanto, a sua contribuição para que a fé se torne comunicável, e a inteligência daqueles que não conhecem ainda o Cristo possam procurá-lo e encontrá-lo”.

4. O QUE SIGNIFICA TEOLOGIZAR NESTE CONTEXTO?

O teólogo, sem esquecer o seu serviço específico prestado a Palavra de Deus e de ser seu arauto, pode ser mais adequadamente descrito assim: “a teologia frente, à pregação, à catequese, e à pastoral (...), deverá levantar a pergunta pela verdade, para assim ajudar a comunidade a encontrar os esclarecimentos específicos de que

³⁹ Idem. Ibidem. p. 48.

⁴⁰ GEFFRÉ, Claude. *Como fazer teologia*. Op. Cit. p. 102.

⁴¹ Idem. Ibidem. p. 102.

⁴² Instrução sobre A vocação Eclesial do Teólogo. Op. Cit. p. 8.

⁴³ Idem. Ibidem; p. 8.

necessita”⁴⁴. Aqui, também, insere-se o ensino de Cultura Religiosa e a missão de todo e qualquer membro de uma Universidade Católica..

Com tal leitura, Boff nos faz compreender que o nosso papel, no ensino, é procurarmos fazer uma autêntica teologia e ressalta ainda que “não está em seu poder, nem é sua tarefa manifestar a própria Palavra de Deus. Será levado, no entanto, a prestar assistência à pregação da Igreja, na medida em que essa pregação é um ‘testemunho de segundo grau’, para que ele seja um espelho mais puro da Palavra de Deus, para que produza um eco mais claro”⁴⁵, e complementa: “tal testemunho em nenhuma parte será tão perfeito que venha a ser supérfluo e desnecessário confrontá-lo, mediante a teologia, com a pergunta pela verdade”⁴⁶. O autor citado usa muito bem uma frase de Karl Barth que diz: ‘trabalho teológico é serviço’.

Pensando assim, cabe a pergunta: E no meio acadêmico, como deve ser prestado este serviço? Ou seja, refletir a partir de questionamento que perpassa tudo que se escreveu até agora. “O anúncio do Reino, o ensinamento de Jesus, tem significado neste tempo presente para as pessoas com toda a suas problemáticas? O que dizer sobre Jesus? Como anunciá-lo? De que modo fazê-lo? Num primeiro momento parece-nos oportuno refletir sobre isto, pois, as pessoas têm procurado ansiosamente o absoluto; Deus, o religioso, o sagrado. Mas também é desafiador porque, nem sempre o terreno que encontramos é o mais propício. Vivemos numa era envolvida pela tecnologia, pela busca de um saber cada vez mais competitivo e de maior obtenção de *status*, poder consumista, imediatista etc.

A grande interpelação é: como falar de Jesus Cristo? Para nós cristãos, repito, o momento apesar de conturbado, nos parece oportuno, dado ser um tempo de muita busca e tantas inquietações. Contudo, devemos tentar fazer sempre da maneira mais adequada possível, inserindo-nos nesta sociedade da informação, principalmente como teólogos.

Somos cientes de nossas dificuldades em acompanhar a velocidade das transformações. Por isso, é importante buscar auxílio de pessoas que estão conseguindo nos sinalizar caminhos novos, para que possamos fazer novas leituras de mundo. Hugo Assmann, é uma destas pessoas que tem contribuído neste sentido. O atual momento da sociedade e como ela se encontra, é denominado por ele como sociedade da informação, em que tudo corre velozmente e fazendo parte de uma imensa rede de ecologias cognitivas que são novas formas de conhecer a vida de maneira diferenciada. Talvez, seja uma das novas maneiras de comunicabilidade, que está surgindo, entre tantas outras. Mas o que deve persistir, é a vontade de nos adaptarmos às transformações, sem esquecer o essencial, o fundamento da criação – DEUS.

⁴⁴ BOFF, Clodovis. *Teoria do método teológico*. Op. Cit. p. 78.

⁴⁵ Idem. *Ibidem*. p. 78.

⁴⁶ Idem. *Ibidem*. p. 78.

Segundo Assmann, "a profundidade e rapidez da penetração das tecnologias da informação e da comunicação está transformando aspectos da vida cotidiana. Isso constitui uma das principais marcas do atual período histórico. Ao longo de toda evolução da espécie, nunca houve mutações tão profundas e rápidas"⁴⁷.

Sintetizando o pensamento do autor, adentrando em uma perspectiva teológica, podemos dizer: é desafiador para o teólogo e para toda a sociedade este momento, porque devemos discernir sobre a origem destas informações e encontrarmos motivação de reacender em nós uma atitude crítica, permitindo que o nosso olhar seja purificado pela fé. Nesta perspectiva é tarefa do teólogo assumir da cultura e do seu ambiente elementos que lhe permitam melhor iluminar um ou outro aspecto dos mistérios da fé. Levando sempre em conta que ele, "teólogo", necessita sempre de liberdade para a pesquisa teológica. A ousadia, portanto, que com frequência se impõe à consciência do teólogo, não pode dar frutos e edificar se não for acompanhada pela paciência da maturação.

Maturação, na vida do teólogo, tem muito a ver com liberdade. Principalmente "liberdade de investigação, que é justamente estimada pela comunidade dos homens de ciência como um dos bens mais preciosos e significa disponibilidade para acolher a verdade tal como ela se apresenta ao fim de uma investigação, na qual não tenha interferido qualquer elemento estranho "as exigências de um método que corresponde ao objeto estudado".⁴⁸

Remontando a Clodovis Boff, segundo ele: o teólogo tem de preocupar-se com a metodologia teológica e compreende vários elementos articuladores, dentre os quais: a fé, a Escritura, a prática, o magistério, a linguagem e a razão. E com diversas etapas e entre elas a escuta dos testemunhos da fé, aprofundamento racional destes testemunhos e atualização em nosso contexto histórico. O teólogo deve levar em conta e procurar obedecer os quatro níveis da metodologia teológica que são: os das técnicas - quanto ao seu uso -; do método em si, - relativo às etapas do processo teológico - ; o da epistemologia, ou seja, a reflexão crítica das bases do método teológico enfim, do espírito teológico, - que é o que anima em profundidade o interesse por conhecer os mistérios divinos -. Exige-se todo um trabalho de renovação constante do fazer teológico.

O autor acima citado utiliza um pensamento de São Vítor que vem enriquecer a sua linha de pensamento e nos diz o seguinte : "que ardor não devemos ter por esta fé na qual todo bem tem seu fundamento e encontra sua firmeza. Mas se a fé é a origem de todo bem, o conhecimento é sua consumação e perfeição. Lançemos-nos, pois, em direção à perfeição e, por toda a série de progressos possíveis, avancemos apressadamente da fé para o conhecimento. Façamos todos os esforços

⁴⁷ ASSMANN, Hugo. *Reencantar a Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 17.

⁴⁸ Instrução sobre a Vocação do Teólogo. Op. Cit. p. 11.

possíveis para compreender aquilo que cremos (*ut intelligamus quod credimus*)".⁴⁹

ABSTRACT: This article approaches questions about the role of theology nowadays mainly in the academic life. In addition to this it shows its usefulness on the present time serving like a spokesman of God's project. Finally, this paper aims at making people aware of the importance and continuation of this thought.

KEY- WORDS: theology, service, academic life

BIBLIOGRAFIA

ANJOS, Márcio Fabri (Org). Teologia em mosaico. São Paulo: Santuário – Soter, 1999.

_____(Org). Teologia: profissão. São Paulo: Loyola – Soter, 1996.

ASSMANN, Hugo. *Reencantar a educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOFF, Clodovis. *Teoria do método teológico – versão didática*. Petrópolis: Vozes, 1998.

COMBLIN, José . *Vocação para a liberdade*. São Paulo: Paulus, 1998.

Congregação Para A Doutrina Da Fé. *Instrução sobre a vocação eclesial do teólogo*. São Paulo: Paulinas, 1990.

COSTA, Nestor. VV. AA. Ameríndia (Org). *Globalizar a esperança*. São Paulo: Paulinas, 1998.

FORTE, Bruno. *Jesus De Nazaré – história de Deus, Deus da história*. São Paulo: Paulinas, 1985.

GEFRÉ, Cleude. *Como fazer teologia*. São Paulo: Paulinas, 1989.

MURAD, Afonso; LIBANEO, J. Batista. *Introdução à teologia*. São Paulo: Loyola, 1996.

ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto. (Org). *Globalização e religião*. Petrópolis: Vozes, 1997.

⁴⁹ BOFF, Clodovis. *Teoria do método teológico*. Op. Cit. P. 12.

PINHEIRO, José Ernane. *Formação dos cristãos leigos*. São Paulo: Paulinas, 1995.

Projeto Pedagógico. Instituto Superior de Cultura Religiosa. Pelotas: UCPel, 1997.

Revista: Proposta. *Globalizar ou Integrar?* Ano 23. 03/ 95. N 64.